



**ENAN
PUR 2023**
Belém 22 a 26 de maio



Patrimônio das periferias: resgate da história e memória local em museus e na visitação das favelas do Rio de Janeiro

Sergio Moraes Rego Fagerlande
PROURB FAU UFRJ

Sessão Temática 6: Cidade, história e identidade cultural

Resumo. O trabalho tem relação com uma pesquisa sobre o turismo em favelas do Rio de Janeiro, ao verificar a existência de visitação turística ligada à criação de museus territoriais. Surgiu então um questionamento sobre a musealização desses territórios, e da criação de museus como espaços ligados ao registro e valorização da identidade local, de sua história e memória. Trata-se de um processo de inclusão desses lugares e de seus moradores na cidade. Através do mapeamento são apresentados os museus territoriais ou em edifícios, e podemos observar esse processo em favelas espalhadas pela cidade, quase sempre ligadas à participação comunitária. Desse modo busca-se entender um processo de visibilização dessas periferias, representadas através de museus, e do papel deles tanto em relação à história local como atos de resistência, cultural e mesmo da luta pela permanência nos territórios.

Palavras-chave. Museus em favelas; turismo em favelas; patrimonialização; resistência cultural.

Heritage of the peripheries: rescuing history and local memory in museums and in the visitation of Rio de Janeiro's favelas

Abstract. This article is related to a research about tourism in the favelas of Rio de Janeiro, when it verified the existence of tourist visitation linked to the creation of territorial museums. A questioning arose about the musealization of these territories, and the creation of museums as spaces linked to the registration and valorization of local identity, its history and memory. This is a process of inclusion of these places and their residents in the city. Through mapping, territorial museums or museums in buildings are presented, and we can observe this process in favelas scattered throughout the city, almost always linked to community participation. In this way we seek to understand a process of visibility of these peripheries, represented through museums, and their role both in relation to local history as acts of resistance, cultural and even the struggle for permanence in the territories.

Keywords: Museums in slums; tourism in slums; patrimonialization; cultural resistance.

Patrimonio de las periferias: rescatar la historia y la memoria local en los museos y visitar las favelas de Río de Janeiro

Resumen. El trabajo está relacionado con una investigación sobre el turismo en las favelas de Río de Janeiro, al verificar la existencia de visitaación turística vinculada a la creación de museos territoriales. Surgió entonces un cuestionamiento sobre la musealización de estos territorios, y la creación de museos como espacios vinculados al registro y valorización de la identidad local, su historia y memoria. Es un proceso de inclusión de estos lugares y sus residentes en la ciudad. A través de la cartografía, se presentan museos territoriales o museos en edificios, y podemos observar este proceso en favelas diseminadas por toda la ciudad, casi siempre vinculado a la participación comunitaria. Así pues, tratamos de comprender el proceso de visibilización de estas periferias, representadas a través de los museos, y su papel tanto en relación con la historia local como con los actos de resistencia, culturales e incluso la lucha por la permanencia en los territorios.

Palabras clave: Museos en favelas; turismo en favelas; patrimonialización; resistencia cultural.

Introdução

O trabalho aqui apresentado é parte de uma pesquisa sobre turismo em favelas do Rio de Janeiro que vem sendo realizada desde 2013 no Programa de Pós-graduação em Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, atualmente Laboratório de Estudos e Pesquisas em Cidades – LEC. A partir de um mapeamento realizado em diversas favelas da cidade, em especial das que podem ser consideradas turisticadas, verificou-se que havia um entendimento de que a favela deveria ser considerada como patrimônio de seus moradores e da cidade.

A partir da criação de percursos de visitação pelos próprios moradores, diretamente ligados ao turismo naqueles territórios, e em especial como resultado da pesquisa realizada no Cantagalo Pavão Pavãozinho com o Museu de Favela MUF, uma ONG local, verificou-se que o próprio nome que os moradores deram à sua organização reflete a ideia da importância de um museu na favela, e que eles passavam a considerar a favela como o que deveria ser visto como patrimônio, no caso um museu territorial, em um processo de valorização de suas vivências ali representadas. Desse modo a pesquisa sobre o turismo em favelas passou a dar atenção a esse processo de patrimonialização das favelas e da criação de museus nessas comunidades (FAGERLANDE, 2020).

O estudo mostra que os museus encontrados são muitas vezes ligados a associações locais, com a participação de moradores, e que desde 2003 diversos museus foram criados nas favelas cariocas. Outro ponto importante a ser visto na relação entre patrimônio, museus e turismo em favelas é como essas questões se relacionam com as comunidades envolvidas e seus moradores.

A pesquisa mostrou que mesmo havendo iniciativas anteriores ligadas à patrimônio e cultura em diversas áreas da cidade (GUIA DE MUSEUS, 2020), o histórico dos museus em favelas no Rio de Janeiro pode ser considerado a partir da criação do Museu a Céu Aberto da Providência em 2003 (FREIRE; FREIRE-MEDEIROS; CAVALCANTI, 2009).

Não se pode deixar de pensar na relação entre esse museu e as intervenções em favelas iniciadas com o Programa Favela-Bairro, iniciado em 1993, especialmente pelo papel da prefeitura na criação desse projeto de musealização do Morro da Providência, que mesmo sem sucesso teve a primazia e levantou a questão da importância de se valorizar a história das favelas da cidade, e sobretudo pela participação de Lu Petersen, arquiteta da prefeitura ligada à urbanização de favelas e ao Favela-Bairro, no projeto do museu na Providência (FREIRE; FREIRE-MEDEIROS; CAVALCANTI, 2009).

Outros museus foram criados em seguida, gerando um certo movimento de novos museus, dessa vez comunitários. Nesse momento surge o Museu da Maré, aberto em 2006 (FAGERLANDE, 2020). Situado em importante conjunto de favelas da cidade, que sofreram forte intervenções com os aterros e a destruição das palafitas com grandes mudanças desconectadas de relação com os moradores, o museu surgiu como uma possibilidade de registrar a história e as relações dos antigos residentes com o território, mesmo que através de um museu bastante convencional e expositivo, mas com forte participação da população local, que naquele conjunto de favelas é bastante intenso, com diversas organizações comunitárias.

Outros museus foram sendo criados, como o Museu da Rocinha-Sankofa, de 2007, o já citado Museu de Favelas MUF no Cantagalo, de 2008 (FAGERLANDE, 2017; MORAIS, 2010), ambos territoriais, a Casa Amarela no Morro da Providência de 2009, pensado mais como um centro cultural comunitário, o Museu do Horto de 2010, e o Museu das Remoções de 2017, além do projeto de museu Maré a Céu Aberto. Esse último, criado em 2019 pela ONG Redes da Maré (MARÉ À CÉU ABERTO, 2021), teve dificuldades em seu processo de implantação devido à pandemia. Todos esses exemplos, com exceção da Casa Amarela que não é exatamente um museu, mas um centro de cultura, são museus territoriais, algo a ser observado, e que denota um interesse em que a própria favela e suas atividades se consolidem como atrações para a visitação, e não somente objetos em uma exposição fixa.

A distribuição das favelas onde se localizam os museus aparece no mapa abaixo, mostrando que as iniciativas se espalham por diversas áreas da cidade, algo que é entendido também por ter a cidade do Rio de Janeiro uma grande quantidade de favelas em todo seu território, mesmo que as mais turísticas estejam concentradas na zona sul. Desse modo aparece um fator importante, em que se pode perceber que não é somente o turismo que está por trás do surgimento dos museus, mesmo sendo um fator importante em algumas dessas iniciativas.

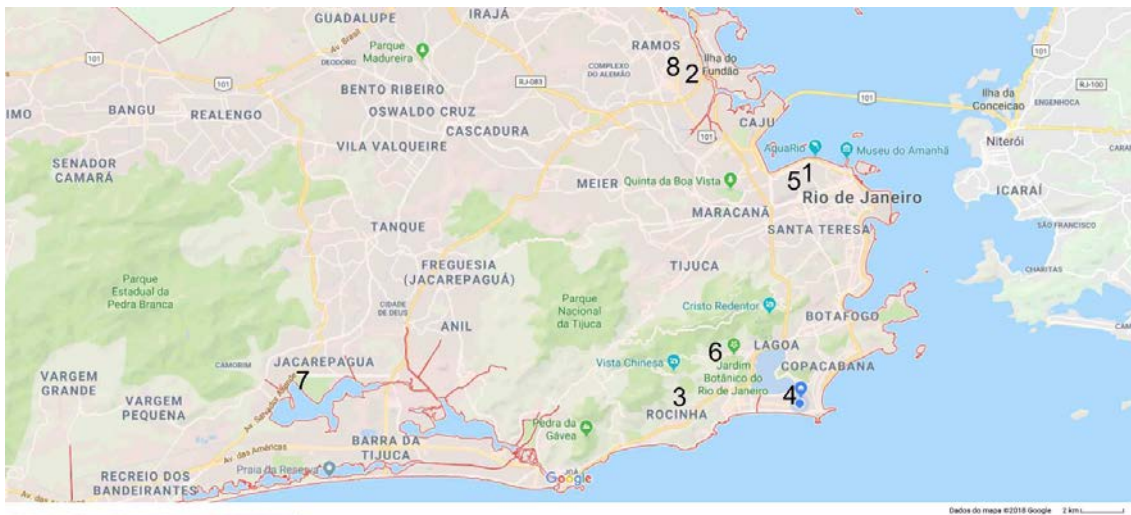


Figura 1: Mapa de localização dos museus na cidade do Rio de Janeiro; 1 - Museu a Céu Aberto da Providência; 2 - Museu da Maré; 3 – Museu Rocinha Sankofa; 4 – Museu de Favela MUF; 5 – Casa Amarela; 6 – Museu do Horto; 7 – Museu das Remoções; 8 – Maré a Céu Aberto (fonte: mapa elaborado pelo autor)

A relação direta entre movimentos sociais e a preservação da memória das favelas é reforçada com o lançamento do Guia de Museus e Memórias Rede de Favela Sustentável (2020). Tendo sido organizado pelo Grupo de Trabalho Memória e Cultura da Rede Favela Sustentável, ou seja, por moradores locais e ligados diretamente ao processo de registro dessas iniciativas, a iniciativa reforça esse olhar da importância dos museus e lugares ligados à memória na construção de uma identidade e valorização das favelas. O prefácio é escrito por Dona Penha, uma das líderes do Museu das Remoções da Vila Autódromo, mostrando a importância da história escrita pelos seus atores (GUIA DOS MUSEUS, 2020).

Além de apresentar os museus o Guia apresenta outras ações em periferias, como quilombos, áreas de subúrbios da cidade, e ações que são relacionadas a lugares de memória, e não necessariamente museus. Desse modo trata das diversas possibilidades que as ações culturais atuam, de modo semelhante aos museus de favelas. São fortes elementos na questão da visibilização da presença cultural daqueles que durante muito tempo foram desconsiderados pelo olhar hegemônico de órgãos da cultura e dos governos estabelecidos¹.

Por certo a musealização e a visitação ocorrem também em lugares como os quilombos, como se verifica nos situados no Parque da Pedra Branca, como o Cafundá Astrogilda e de Camorim, que buscam reforçar a memória dos antigos moradores, inclusive com espaços que são tratados como pequenos museus.

O trabalho aqui apresentado mostra as diferentes maneiras como esses museus se relacionam com seus processos de patrimonialização, muito deles como territoriais, e de maneira geral ligados à participação comunitária, em que o poder público tem participação limitada, mesmo que importante no sentido de sua manutenção e financiamento, mas que subsistem buscando alternativas de geração de renda, como o turismo. A visitação das favelas através do conceito de museu territorial, com a criação de percursos de visitação está diretamente ligada ao turismo em favelas, e em especial os museus estão relacionados ao turismo de base comunitária.

Essa modalidade de turismo vem sendo desenvolvido no Brasil desde os anos 2000, e desde o início, através de apoio oficial de um edital do Ministério do Turismo de 2003 (SILVA; RAMIRO; TEIXEIRA, 2009), as favelas tem tido grande participação. Existe uma relação com políticas públicas, como demonstra o Projeto Rio Top Tour, desenvolvido na Favela Santa Marta no âmbito dos grandes eventos na cidade (RODRIGUES, 2014), e no caso da criação do Museu de Favela MUF do Cantagalo Pavão Pavãozinho, a relação com o Programa de Aceleração do Crescimento PAC, que possibilitou que os moradores daquele conjunto de favelas desenvolvessem o projeto de um museu comunitário (FAGERLANDE, 2016). Esse processo é reportado em livro escrito por alguns desses líderes comunitários (PINTO; SILVA; LOUREIRO, 2012), mostrando mais uma vez a importância da participação comunitária no registro da história local, que muitas vezes sobrevive na oralidade, e assim passa a ter um registro que alcança públicos mais amplos.

Através de se entender o que é patrimônio, e de como os museus de favelas se relacionam com as comunidades a eles relacionados, o presente trabalho busca entender esse interesse no registro das histórias e memórias locais, da valorização da identidade e da cultura das favelas, e de como os museus são parte de um processo de resistência, tanto cultural como da permanência dos moradores nos territórios, muitas vezes ameaçados por políticas de remoção, como acontece nos casos da Vila Autódromo na Barra da Tijuca e da comunidade do Horto. O turismo comunitário que é proposto ligado a esses museus reforça a necessidade de visibilizar essa luta, e mostrar a importância das favelas e de seus habitantes para a cidade e sua história.

1. Pensando a favela como patrimônio

A ideia de patrimônio em geral se liga ao que pensamos como herança, aquilo que deixamos para as gerações seguintes (MICOUD, 2011; CHOAY, 2005 [1988]), mas que de maneira geral sempre se ligou à elites, e em termos de

arquitetura e de cidade passou a partir de certo momento a considerar não apenas os monumentos, mas também a arquitetura vernacular, como trata Choay (2005 [1988]) ao mostrar como conjuntos urbanos geraram museus territoriais em diversos países da Europa.

Dentro de um olhar global sobre patrimônio das periferias, a ideia da favela como um lugar de valor cultural, com suas potências e possibilidades sociais urbanas não é algo que ocorre somente no Rio de Janeiro, mas também pode ser comparado com outras periferias em cidades ao redor do mundo. Um autor francês, Michel Agier (1999) compara as favelas do Rio de Janeiro e Salvador, *townships* africanas de cidades como Johannesburg, e o *banlieue*ⁱⁱ francês como lugares de surgimento de atividades importantes para a cultura, em especial a música e artes em geral, assim como Fernandes, Souza e Barbosa (2018) falam da favela como um lugar de potência, em especial também trazendo a cultura como um diferencial desses lugares populares, estabelecendo de maneira importante esse laço possível entre as periferias, mesmo em lugares tão distantes geograficamente, economicamente e socialmente.

No Rio de Janeiro a história das favelas, de acordo com Valladares (2005), sempre foi ligada à exclusão e expulsão de populações relegadas a condições precárias, e que eram consideradas efêmeras, inclusive pela negação de ocupação legalizada e com materiais definitivos. Se a cultura popular era um dos diferenciais das favelas, por exemplo, durante muito tempo essa cultura foi relegada e excluída, como podemos ver pelo samba, que hoje em dia é um exemplo de patrimônio imaterial brasileiro mas durante muito tempo foi considerado impróprio para a sociedade dita culta.

Por outro lado a materialidade das favelas, a precariedade dos materiais com que eram construídas, se ligava a uma ideia de possibilidades de remoções, e assim de não se poder tratar esses territórios como lugares com história, por serem em teoria efêmeros. A própria representação dessas áreas como parte da cidade muitas vezes foi apagada, com a ausência de um mapeamento adequado de favelas, em especial em mapas de toda a cidade. Desse modo se desconsiderava a presença delas e sua importância na história da cidade (FERRAZ, 2016).

A partir de um novo olhar sobre esses territórios, com novas políticas a partir dos anos 1980, com mudanças a partir de novos governos, como o de Leonel Brizola no estado do Rio de Janeiro a partir de 1983, e em seguida da nova constituição de 1988, a relação com as favelas passou por mudanças consideráveis, em especial por programas públicos de urbanização dessas áreas excluídas da cidade. Esse processo incluiu questões como a posse da terra, o que contribuiu certamente para uma mudança no status de lugares efêmeros.

O Favela-Bairro, iniciado em 1993, passou a ser uma referência em urbanização de assentamentos precários (CONDE; MAGALHÃES, 2004), e não à toa, a partir de 1992 teve início um movimento de turismo em favelas durante a Rio 92, com a visita da Rocinha por participantes daquele encontro mundial ligado à sustentabilidade (FREIRE-MEDEIROS, 2009). Desse modo a surgimento do primeiro museu de favelas em 2003 está conectado a essa movimentação da sociedade em relação às favelas e à sua história.

A ideia de que as favelas cariocas podem ser pensadas como patrimônio aparecem em trabalhos sobre os casos estudados também, como nos livros de Pinto, Silva e Loureiro (2012) e de Rodrigues (2014), ou nos textos de Freire-Medeiros (2006a, 2006b, 2009) e Chagas, Assunção e Glas (2014) que mostram

a importância que a ideia dos museus territoriais e de comunidade passa a ter não somente para as favelas, mas para toda a cidade. A ideia da favela como patrimônio aparece em autores como Jacques (2001), e outros, como Leite e Vasconcellos (2020), que falam dos museus de favelas e sua importância para a patrimonialização das favelas na cidade, além de Schlee (2014) e Rolnik (2012) que ressaltam a importância das favelas como patrimônio da cidade no processo em que a paisagem da cidade do Rio de Janeiro passou a ser considerado pela UNESCO como patrimônio mundial, em 2012.

Freire-Medeiros (2006b) fala de como os primeiros museus aqui tratados, da Providência e da Maré, foram considerados patrimônio da cidade, e de como os museus lidam com essa ideia de patrimônio. A partir da influência da nova museologia desde os anos 1980, os museus passaram a ser vistos não somente como coleções a serem guardadas, mas como lugares ativos na preservação ligada aos grupos sociais, como museus de sociedade, e assim surge a ideia de museus em favelas (CHAGAS; ASSUNÇÃO; GLAS, 2014). A ideia de museus em que a participação social se torna fundamental é um dos motivos de buscar entender a criação desses organismos em favelas.

2. Como são os museus de favelas

Ao estudarmos como são os museus de favelas, podemos pensar em algumas maneiras de os caracterizarmos. Podem ser museus territoriais ou museus em edifícios, com exposição mais tradicional, em geral de objetos e reprodução de ambientes, como as casas dos moradores, fotografias ou objetos que remetam à memória do lugar, mas sempre podem ser considerados museus de sociedade.

Outra maneira de se entender a estrutura observada é em relação à serem museus ligados às comunidades ou criados por iniciativas governamentais. Grande parte deles surgem através de ações de ONG's, com algum financiamento governamental, mas de maneira geral instituições comunitárias, com grande participação dos moradores das favelas em que se situam. Outra questão a ser levantada é a relação desses grupos com a visitação e o turismo. Alguns tratam a visitação turística como algo importante, e outros dizem não estar ligados ao turismo.

Em termos cronológicos, como foi mostrado, o primeiro museu territorial criado em favelas cariocas foi o Museu à Céu Aberto da Providência. Simbolicamente criado na mais antiga favela do país, em 2003, foi uma iniciativa do poder municipal numa tentativa de criar uma atração turística. A ideia de inclusão das favelas à cidade aparece com força naquele momento com políticas públicas de urbanização, como o Programa Favela-Bairro, iniciado em 1993 (CONDE; MAGALHÃES, 2004). Não à toa a idealizadora do projeto do Museu a Céu Aberto da Providência foi Lu Petersen, uma das participantes das iniciativas da prefeitura de urbanização de favelas (FREIRE; FREIRE-MEDEIROS; CAVALCANTI, 2009).

A ideia partiu de uma intenção de “folclorizar” a favela, como parte do marketing da cidade (MENEZES, 2012), como parte de um processo de cidade-mercadoria, e que se estendeu às favelas, em uma tentativa de tornar a favela também uma mercadoria, ou *commodity* (RIBEIRO; OLINGER, 2012). O museu nunca conseguiu ser implantado totalmente, e a pouca relação com a população local não deu resultados satisfatórios, ainda mais pela intenção de demolir parte da

favela, e ali criar um “cenário”, como palco para as atividades turísticas, gerando rejeição dos moradores (MENEZES, 2012; FREIRE-MEDEIROS, 2006).

No mesmo período, em 2006, foi criado o Museu da Maré, no conjunto de favelas do mesmo nome, por uma das associações de moradores da comunidade preocupada em preservar história local, e estimular a cultura, o CEASM, Centro de Ações Solidárias da Maré. Essa ONG criada em 1997 organizou diversas atividades e exposições, inclusive com a guarda de acervos que passaram a compor o museu (MUSEU DA MARÉ, 2021).



Figura 2: Museu da Maré – reconstituição de moradia original (fonte: Foto do autor, 2012)

Trata-se de um museu expositivo de maneira tradicional que busca refletir a vida de seus moradores e de sua história, em especial o resgate das memórias do tempo em que foi criada, da vida em palafitas, e de como os projetos de urbanização transformaram o lugar, rompendo ligações existentes entre os primeiros moradores. Acervos de moradores estão expostos, buscando reviver a vida cotidiana dos moradores, a partir de objetos doados pelos antigos residentes, mas com uma cenografia como mostrado acima, e como na reconstituição de uma casa em palafitas, como era as casas originais sobre a área pantanosa original, que foi aterrado rompendo a tradição das moradias, e quebrando os laços de vizinhança que os moradores tinham. A reconstituição parece ser uma certa nostalgia daquele momento, rompido em um momento de políticas urbanas agressivas, que transformaram a antiga favela sobre as águas no conjunto habitacional que ela é hoje, pelo menos em parte.

Essa maneira de se contar a vida cotidiana pode ser vista em museus de sociedade em diversas partes do mundo, como no Tenement Museum, criado em Nova York em 1988 (TENEMENT MUSEUM, 2022), e estudado por quem trabalha com museus relacionados às periferias, como a experiência do La Vie HLM, em Paris, promovido por uma associação local, AMULOP (LA VIE HLM, 2022).

Essa relação entre os museus de comunidades, em outros países chamados de museus de sociedade, mais uma vez reforça a importância de museus como o da Maré, em especial por sua relação direta com a vida cotidiana e por ser um museu realmente conectado com os moradores locais, algo que nem sempre é possível, e que requer se ter associações realmente interessadas em manter suas tradições, e que entendem ser um patrimônio a história das favelas.



Figura 3: Documento de morador (fonte: PATEL, 2018)

A criação de museus ligados às comunidades também passou a ser usado como um processo de resistência, em especial contra remoções, tão comuns em favelas e lugares com problemas de legalização da posse da terra. Esse é o caso do Museu do Horto, criado em 2010 (GUIA DE MUSEUS, 2020), quando as famílias que ocupam uma área junto ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro há décadas passaram a ser alvo de remoção, e se uniram em prol de legitimar sua permanência, resgatando as histórias de ocupação do lugar, as tradições de fazeres e saberes de seus antepassados que ocuparam o lugar há gerações. Nesse caso o museu é pouco ligado ao turismo e mais ideia de registro dessa memória de lutas, e de união em torno do resgate da identidade de seus moradores (PATEL, 2018).

Através da história comum se buscou a união das pessoas, de documentação que auxiliasse a provar a ocupação em si, como o documento acima que mostra um antigo morador daquela comunidade. Essas são questões sempre importantes, pois a ausência de documentação em situações de populações periféricas em geral é um dos fatores que facilita a remoção. São situações comuns em favelas, quilombos e ocupações, que mesmo ocupando territórios há décadas nem sempre pode ter isso comprovado de forma documental, e o museu aparece como um elemento de centralização dessa documentação, com

relatos, documentos e imagens que podem contribuir para essa certificação documental da ocupação.

Nesse caso o acervo que passou a ser parte do museu, como documentos de família, passaram a ser importantes registros não somente da memória, mas verdadeiros instrumentos para comprovação da presença naquele território há décadas, justificando a manutenção da população no local, em sua luta contra a expulsão.

Outro importante exemplo de iniciativa comunitária contra a retirada de populações excluídas de áreas de interesse comercial e especulativo na cidade podemos citar o caso do Museu da Remoções da Vila Autódromo, na Barra da Tijuca, criado também no período dos grandes eventos de 2016, e relacionado diretamente à um processo de expulsão da população devido ao interesse de se tirar a favela de uma área ao lado do local dos jogos olímpicos a serem realizados no antigo autódromo da cidade (GUIA DE MUSEUS, 2020). Esse movimento mostra um processo de resistência de seus moradores a essa remoção, e de como a criação de um museu territorial nos escombros dessa comunidade foi importante no sentido de não somente unir seus moradores na luta pela memória local, mas sobretudo para tornar presente essa ideia de resistência às remoções, que pareciam parte do passado da cidade, e que novamente surgiu como uma política ligada aos interesse de se criar no Rio de Janeiro uma imagem de cidade sem favelas em suas áreas mais ligadas ao turismo.

3. Turismo, visitação e museus territoriais em favelas

Mesmo havendo visitação em favelas desde o início do século, interessando especialmente visitantes estrangeiros e artistas, o turismo em favelas no Rio de Janeiro passou a ser tratado como uma atividade de maior importância após a Rio 92 (FREIRE-MEDEIROS, 1992), e teve no período dos grandes eventos esportivos, como a Copa do Mundo FIFA de 2014 e os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016 um maior estímulo, e isso pode ser visto em relação à criação de museus nas favelas.



Figura 4: Circuito Casas-tela (fonte: Foto do autor, 2014)

Um de seus maiores exemplos é justamente o Museu de Favela MUF no Cantagalo. A ideia do museu é que a favela seja o que deve ser mostrado, não somente um edifício, ainda que haja uma sede para administração e atividades (FAGERLANDE, 2017). Desse modo a ideia de um museu territorial passa a dar valor a tudo que se relaciona com a vida cotidiana, os moradores, seus saberes e fazeres e a relação com os moradores através da visitação passa a ser considerada essencial para se chamar de museu a experiência. Desse modo a visitação, alicerce do turismo em favelas, e o museu se tornam quase a mesma coisa.

Criado a reboque do PAC naquele conjunto de favelas, passou a ser uma alternativa não somente de resgate cultural, mas de geração de renda, ao ser pensado como um percurso de visitação, o circuito de visitação das Casas-tela, mostrado acima, em que um conjunto de grafites feitos por moradores da favela e de outras comunidades contam a história local, mas ao mesmo tempo criam uma atração turística ligada à cultura da favela (PINTO; SILVA; LOUREIRO, 2012).



Figura 5: Roda de samba na Laje do MUF (fonte: Foto do autor, 2014)

Através da criação desse percurso existe um contato direto com os moradores, que podem contar aos visitantes suas histórias de vida, reforçando a possibilidade de trocas entre aqueles que ali moram com os que visitam.

Durante o percurso os visitantes conversam com os moradores, e ao final podem assistir a eventos como rodas de samba, como na imagem mostrada, ou comer feijoadas preparadas por moradores, em algo que MacCannel (1999 [1975]) chama de autenticidade encenada, possibilitando ao mesmo tempo expor aos visitantes o que os moradores consideram como patrimônio, e o uso disso como

mercadoria, para a geração de renda, reafirmando a ideia de favela mercadoria (RIBEIRO; OLINGER, 2012).

Nesse processo de criação de museus territoriais em favelas temops também o Sankofa, criado na Rocinha em 2011, e que segue a mesma lógica do MUF, sendo criados percursos de visitação ligados à história local, com a ideia de se gerar renda e estimular a ideia de favela como patrimônio.

O nome, no caso, se relaciona com as origens da população, em geral preta, e que traz o nome africano para estimular o orgulho e as origens de seus moradores (PEREIRA, 2021). Abaixo um painel em grafite com esse símbolo, marcado nas vielas da favela.



Figura 6 : Mural do Museu Sankofa, Rocinha (fonte: CRONIN, 2016)

As remoções, bastante comuns até os anos 1960, pareciam algo pouco provável na atualidade, mas obras de urbanização, como as realizadas em diversas favelas, como Cantagalo Pavão Pavãozinho, Alemão e outras, mesmo em conjunto com projetos de urbanização com habitação previstas de certo modo ameaçaram esses lugares. Um forte exemplo disso é a Vila Autódromo, que foi parcialmente removida para a construção dos equipamentos esportivos dos Jogos Olímpicos de 2016. A criação de um museu de resistência mostra esse movimento, de forma bastante forte.

A ideia de se criar esse museu é fortemente ligada à ideia de se manter a memória daquela comunidade, e também visibilizar o processo de remoção, tão violento não somente para os que o sofreram, seus moradores, mas como um exemplo do que parecia estar no passado, as remoções de favelas, e que ainda existem em pleno século XXI.

Desse modo o museu se estavelece como um protesto, o que ainda se fortalece ao pensarmos que um dos líderes do Guia de museus e memórias rede favela sustentável e que escreve sua introdução é justamente Dona Penha, uma das líderes do Museu das Remoções da Vila Autódromo, mostrando a importância da história escrita pelos seus atores (GUIA DOS MUSEUS, 2020). Assim o museu territorial criado na antiga favela, agora em ruínas, é um exemplo importante da resistência de seus moradores.

4. Considerações Finais

A ideia de termos museus em favelas, e quase todos voltados à memória local e gerida pelos seus habitantes nos faz pensar na importância desse conjunto de iniciativas. De como a criação de museus, juntando aos espaços de memória, como aqueles citados no Guia de Museus, em que se incluem iniciativas ligadas a quilombos e museus de memória de bairros da cidade, em especial nas suas chamadas periferias, podemos perceber que as iniciativas, as primeiras nos anos 1980 e mais fortemente 2000, tem algumas questões em comum.

Em primeiro lugar podemos pensar na organização comunitária como resistência, não somente cultural, mas também em relação a território que ocupam. Desse modo, a cultura e a visitação turística parecem trazer ganhos, não somente em termos de geração de renda, mas também de visibilidade a essas iniciativas e aos seus territórios.

Se temos um primeiro museu em favelas como algo oficial, no caso o Museu à Ceu Aberto da Providência, relacionado a políticas públicas como o Favela-Bairro, temos as iniciativas bem sucedidas a seguir ligadas à memória e às lutas contra o apagamento da história de lugares como no caso do Museu da Maré, o que ocorre também nos museus territoriais como o MUF e Sankofa, valorizando a cultura local e de suas origens nos territórios de favelas.

A possibilidade de resistência às remoções aparece com maior clareza tanto no Museu do Horto como no Museu das Remoções da Vila Autódromo, dentro da ideia de museu como centro de referência da memória a ser apagada e como fator de união comunitária, e a visitação promovida por seus integrante reforça a importância que essas comunidades dão à visibilização que a vinda de turista pode promover.

A presença de organizações e líderes locais, como o MUF, o Sankofa, o Museu da Maré, o Museu de Remoções e outros aparecem como atores relevantes no processo de reconhecimento desses lugares como patrimônio da cidade e do país, mas também na luta pela manutenção de cada uma dessa favelas, no que essa questão se estende em direção aos quilombos também. Os excluídos aparecem e a criação de guias, percursos de visita ou mesmo sites fortalecem as iniciativas e mostram como a ideia de museus e a relação com a visitação é importante elemento, e de como museus passaram a ter um significado importante para esses lugares.

A partir de estudos de museus em favelas podemos pensar como é tratado o patrimônio dessas periferias, e de como seus habitantes, e, geral excluídos da cidade, que tem suas referencias culturais muitas vezes desconsideradas podem através desse organismos se verem refletidos, suas memórias registradas e não mais apagadas dos processos urbanos, sociais e culturais.

5. Referências Bibliográficas:

AGIER, Michel. **L'invention de la ville: banlieueus, townships, invasions e favelas**. Amsterdam: Éditions des archives contemporaines, 1999.

CHAGAS, Mário; ASSUNÇÃO, Paula; GLAS, Tamara. "Museologia social em movimento". **Cadernos do CEOM**, Chapecó, Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina, Ano 27, n. 41 - *Museologia Social*, 2014, pp.429-436. Disponível em: <https://museuscomunitarios.files.wordpress.com/2014/01/museologia-social-em-movimento.pdf> . Acesso em 07 abril 2020

CHOAY, Françoise. Patrimoine. In CHOAY, Françoise, MERLIN, Pierre (orgs.). *Dictionnaire de l'urbanisme et de l'aménagement*. Paris: Quadrige, Presses Universitaires de France, 2005 [1988].

CONDE, Luiz. Paulo; MAGALHÃES, Sérgio. **Favela-Bairro**: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: ViverCidades, 2004.

CRONIN, Sarah. "Museu Sankofa da Rocinha reserva história e memória dos moradores". **RioOnwatch**, Rio de Janeiro, 12/10/2016. Disponível em: <https://rioonwatch.org.br/?p=22823>. Acesso em 13 dez 2022.

FAGERLANDE, Sergio Moraes Rego. "Museus em comunidades, turismo e cultura: patrimônio, identidade, memória e participação comunitária em favelas do Rio de Janeiro". In **Anais do 16ª Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**, 2020.

FAGERLANDE, Sergio Moraes Rego. "A favela é um cenário: tematização e cenarização nas favelas cariocas". **Revista de Arquitectura** Vol. 19(1), Bogotá: Universidad Católica de Colombia, 2017.

FAGERLANDE, Sergio Moraes Rego. "Turismo no Cantagalo-Pavão-Pavãozinho: albergues e mobilidade na favela". **Anais do 1º Seminário Nacional de Turismo e Cultura**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2016.

FERNANDES, Fernando; SOUZA, Jailson de; BARBOZA, Jorge Luiz. "O paradigma da potência e a pedagogia da convivência". **Revista Periferias**, V.1, N.1. Rio de Janeiro: UNiperiferias, 2018. Disponível em: <http://revistaperiferias.org/>. Acesso em 15 de abril de 2020.

FERRAZ, Nicole Santos. Mapeamento das favelas do Rio de Janeiro: do vazio cartográfico ao espetáculo da integração. **Anais do IV ENANPARQ**. Porto Alegre: ANPARQ, 2016. Disponível em: <https://www.anparq.org.br/dvd-enanparq-4/SESSAO%2043/S43-04-FERRAZ,%20N.pdf> Acesso em 13 dez 2022.

FREIRE, Américo; FREIRE-MEDEIROS, Bianca; CAVALCANTI, Mariana (org.). **Lu Petersen**: militância, favela e urbanismo. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. **Gringo na laje**: produção, circulação e consumo da favela turística. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. "A Construção da Favela Carioca como Destino Turístico". Palestra conferida no CPDOC FGV RJ. **Biblioteca Digital FGV**, 2006a. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/4138/TurismoFavelaCarioca.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em 01 de junho de 2016.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. "Favela como patrimônio da cidade? Reflexões e polêmicas acerca de dois museus". **Estudos Históricos**, n.38, 49-66, 2006b. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2266> Acesso em 15/08/2014.

GUIA DE MUSEUS E MEMÓRIAS REDE FAVELA SUSTENTÁVEL. Grupo de Trabalho Memória e Cultura da Rede Favela Sustentável. **Rede Favela Sustentável**, 2020. Disponível em <https://favelasustentavel.org> . Acesso em 01 de março de 2021.

JACQUES, Paola Berenstein. **A estética da ginga**: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.

LA VIE HLM, 2022. Disponível em: <https://www.laviehlm-expo.com/> Acesso em 13 dez 2022.

LEITE, Leonardo Perdigão; VASCONCELLOS, Pedro Jorge Lo Duca. “Cidade, patrimônio e favela no Rio de Janeiro”. **Revista Maracanan**, n. 24, 2020.

MACCANNELL, Dean. **The tourist: a new theory of the leisure class**. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1999 [1976].

MARÉ À CÉU ABERTO, 2021. Disponível em: <https://www.redesdamare.org.br/br/info/53/mare-a-ceu-aberto#:~:text=O%20Mar%C3%A9%20a%20C%C3%A9u%20Aberto%20apresenta%20um%20percurso%20que%20passa,e%20tamb%C3%A9m%20depoimentos%20dos%20moradores>. Acesso em: 13 de dezembro de 2022

MENEZES, Palloma. A forgotten place to remember: reflections on the attempt to turn a favela into a museum. In FRENZEL, Fabian., KOENS, Ko; STEINBRINK, Malte (ed.). *Slum Tourism: poverty, power and ethics*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2012, pp. 103-124.

MUSEU DA MARÉ, 2021. Disponível em <http://www.museusdoriorio.com.br/site/index.php/museu-cidade-do-rio/area-de-planejamento-3/item/88-museu-da-mare>. Acesso em 13 dez. 2022.

PATEL, Gitanjali. “Museus de Contra narrativas e Resistência, Parte 4 Horto Florestal” #SemanaDeMuseus. **RioOnWatch**. 2018. Disponível em: <https://rioonwatch.org.br/?p=33120> .Acesso em 20 de abril de 2020.

PEREIRA, Renata Gonçalves. “Sankofa, o que é? Origem e o que representa para a história”. **Segredos do Mundo**, 2021. Disponível em: <https://segredosdomundo.r7.com/sankofa-significado-simbolo/> Acesso em 13 dez 2022.

PINTO, Rita de Cássia; SILVA, Carlos Esquivel G.; LOUREIRO, Kátia A. S. (org.). **Circuito das casas-tela: caminhos de vida no Museu de Favela**. Rio de Janeiro: Museu de Favela, 2012.

ROLNIK, Raquel. “Favelas cariocas entre a montanha e o mar são patrimônio da humanidade”, 2012. **Blog Raquel Rolnik**. Disponível em: <https://raquelrolnik.wordpress.com/2012/07/02/favelas-cariocas-entre-a-montanha-e-o-mar-sao-patrimonio-da-humanidade/>. Acesso em 19 de setembro de 2022.

RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz; OLINGER, Marianna. A favela na cidade-commodity: desconstrução de uma questão social. In MELLO, Marco Antônio da Silva et al (org.). *Favelas cariocas: ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012, pp. 331-348.

RODRIGUES, Mônica. **Tudo junto e misturado: o almanaque da favela: turismo na Santa Marta**. Rio de Janeiro: Mar de ideias, 2014.

SCHLEE, Mônica Bahia. “O lugar da favela na paisagem e no patrimônio”. 3º **Colóquio Ibero-Americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto - Desafios e Perspectivas**, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/344467791_O_LUGAR_DA_FAVELA_NA_PAISAGEM_E_NO_PATRIMONIO_SCHLEE_MONICA_BAHIA .Acesso em 19 de setembro de 2022.

SILVA, Kátia T. P., RAMIRO, Rodrigo C; TEIXEIRA, Breno. S. Fomento ao turismo de base comunitária: a experiência do Ministério do Turismo. In

BARTHOLO, Roberto; SAN SOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan (orgs.). *Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009, pp. 359-475. Disponível: <http://www.ivt-rj.net/ivt/bibli/Livro%20TBC.pdf>.

VALLADARES, Lícia do Prado. **A invenção da favela**; do mito de origem à favela.com. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

TENEMENT MUSEUM, 2022. Disponível em: <https://www.tenement.org/> Acesso em 13 dez 2022.

ⁱ As ações e museus do guia são os seguintes, além dos citados aqui: Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica (NOPH) / Ecomuseu de Santa Cruz (1983), Associação Cultural Quilombo do Camorim (ACUQCA) (2003), Associação Cultural Quilombo do Sacopã (2004), Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos (2005), Bloco 'Se Benze Que Dá' (2005), Quilombo Pedra do Sal (2005), Meeting of Favela (2006), Universidade Indígena Aldeia Maracanã (2006), Museu Vivo do São Bento (2008), Ecomuseu de Sepetiba (2009), Museu do Horto (2010), Núcleo de Memória e Identidade da Maré (NUMIM) (2010), Museu Casa do Bumba Meu Boi em Movimento (2010), Museu do Graffiti (2011), Memórias do Cerro Corá (2013), Quilombo Cafundá Astrogilda (2014), Rolé dos Favelados (2014), Casa do Jongo da Serrinha (2015), Ecomuseu Caceribú (2015), Museu da Imagem Itinerante da Maré (MIIM) (2019). Vale ressaltar que algumas ações do guia são em quilombos, e não em favelas. Nessas iniciativas alguns desses museus se assemelham aos museus aqui estudados, reforçando a ideia de museus serem importantes para a cultura, a memória e a preservação da identidade desses lugares, e de como a visitação turística parece se conectar com essas questões.

ⁱⁱ *Banlieue* pode ser aqui entendido como subúrbios ou periferias.